



Cinema

Ano 1º
N.º 24

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Paul
Horbiger, protago-
nista de «A Milícia
da Paz»

Redactores:

João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS

Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Pêres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

ALBERTO BARRADAS: — Não, meu caro! Lillian Harvey não tem sido a actriz que tem aparecido mais vezes em Portugal, em films sonoros. Essa honra pertence a Louise Fazenda. Se Kate de Nagy é «estrela» de primeira grandeza? De primeiríssima! Sim senhor, Lew Ayres casou com Lona Lane. Mas parece-me que já estão a tratar do divórcio...

Olhe, amigo Barradas! O director, que não sabe quanto tempo demora uma carta daqui a Luanda, anda sempre a perguntar-me pelos sélos... E' perigosissimo, um director filatélico!

DOLLY ÁZ, 2.º: — Que me parece? Que é um amorico, a Dolly Haas. Escreva-lhe ao cuidado da «Aafa-Film Aktien-Gesellschaft», Berlin SW. 48, Friedrich-strasse 223. A sua «Az» vai fazer «Scampolo».

YOU WERE MEANT FOR ME, NORMA: — Como é que se escreve uma carta a uma actriz? A' máquina, a lápis ou com uma «Conklin». E' preferível à máquina por causa da caligrafia... A sua norma tem hoje 27 anos. «Quem é esse Irving Thalberg»? Então que cinéfilo é você, que não sabe que o Thalberg, marido de Norma Shearer, é um *executive*, um dos maiores da «Metro-Goldwyn-Mayer»? Você ficava reprovado num exame de instrução primária de cinefilismo.

NENITA: — Recebi o seu postalsinho, muito meiguinho! Tão meiguinho, que estive para tomar o combóio para as Caldas de Monchique! Muito obrigadinho, Nenita!

PAMPLINAS II: — Agradeço muito, mas dispense os seu... apertos de mão. Era o que me faltava!.. Guarde isso para a Marlene e para a Sylvia!

Pamplinas não deve tornar a aparecer esta época; só para a próxima. Pat e Patachon devem aparecer talvez ainda em fins desta temporada ou princípios da próxima. O filme a que se refere não foi exibido, porque a Empresa assim o entendeu.

TRÊS FUTURAS ESTRÉLAS: — Não se aflijam, por causa dos exames! Quando o examinador lhes fizer qualquer pergunta, transmitam-me imediatamente, que eu cá estou para lhes valer.
O peor é se o mestre lhe faz perguntas

Correspondência

do género das que Vocês me fazem: «O que é feito de Fulano?» Qual a sua impressão de Cicrano?» Ora suponham que o mestre lhes pergunta: O que sabem a respeito do coração?»

As vossas 1.ª e 3.ª perguntas são dessa força: «O que é feito de Brigitte Helm?» «O que é feito da Nancy Carroll?» E eu só posso responder: Continuam a filmar e estão boas, muito obrigado. Quanto à 2.ª pergunta: «Se a Marie Glory é casada», respondo que sim, isto é... não... ou melhor... casada, o que se diz mesmo casada... Olhem, perguntem ao Charles Delac ou ao Marcel Vandal! Eles é que sabem disso com todos os pormenores...

Fiquei satisfeito por me terem dito que acertei na escôlha, e que a minha preferida era muito bonita e garota. Quanto ao meu nome, não o posso dizer. A não ser que vocês me mandem o vosso retrato. Mas tôdas juntas, é claro!

P. S. Não me tornem a chamar «querido amor». A minha mulher estava ao pé, quando eu abri a carta, e... o alvaiade está carissimo!

SOANES CAPITANIA: — Diz-me a Administração que o assunto já está remediado, e que já aí em Lourenço Marques devem estar à venda os romances, nos locais onde se vende a revista.

DOIDO POR LOIRAS: — Não é só Você que está sentindo a «tontura Harlowfila». O director anda na mesma coitadito. «Anjos do Inferno» já se estreou e, portanto, você já deve saber tudo o que quer a respeito do filme. O seu sonho com a Jean Harlow foi muito engraçado. Eu também já tive um assim, parecido, mas foi com a Kate de Nagy. Sonhei que era a costureira que estava a provar lhe o vestido, em «Um homem feliz», e, quando estava a tomar as medidas do busto, zás, a minha mulher atirou-me um estalo, que eu até vi as estrélas, 100 % sonoras...

I LOVE «TRÊS FUTURAS ESTRÉLAS»: — Pois é, eu contento-me com uma, e Você quer logo as três... A Gula é um pecado mortal. Também eu tenho a convicção de que

são das mais belas cá da secção, mas só quando elas me enviarem o retrato poderei ter a certeza. Pergunta-me as minhas impressões sobre elas. Olhe, parece-me que devem ser três amorzinhos, três gotinhas de água capazes de matarem a sede ao mais sequioso dos mortais... Quanto à endiabrada Anny Ondra, de quem você me pede «que fale um pouco», só lhe posso dizer que é mais ou menos o tipo da que eu escolhi, das três estrélas...

LOUCO POR JEAN HALOW: — Agora, tenha paciência, mas já você perdeu o exclusivo. Já se estreou «Anjos do Inferno» e já andam por aí os «loucos» às dezenas...

Se eu gostei de Dolly Haas? Ora, se gostei... Não me fale em «17 Junho» em flôr! Perguntei-lhe o dia ao certo, não me respondeu, o mês está a findar, e eu não pude mandar-lhe a prenda. Só deparo com ingratidões, cá entre as minhas «elas»!

WHOOPEE: — Eu não disse que não sabia os nomes dos artistas do cinema brasileiro. O que eu ignorava era os de dois por que um leitor me perguntava, e sobre os quais nunca tinha ouvido falar. De resto, conheço, de nome, quasi todos os artistas do cinema do Brasil. Graças à revista do camarada Gonzaga. No entanto, muito obrigado pela sua amabilidade, caro Whopee!

SONOROFILISSIMO: — Eu bem sabia que você não me abandonaria. Chamei-lhe ingrato, e à família, para lhes mostrar que não me esqueço dos meus correspondentes. Mas confesso que não dei pela mudança de pseudónimo.

Estou informado de que o «Trindade» reabrirá o jardim em meados de Julho, possivelmente com cinema silencioso. De positivo, ainda nada se sabe, por enquanto.

E que é feito das primitas?

EU SEI TUDO.



Victor MacLaglen, El Brendel e Edmund Lowe, que veremos brevemente em "Mulheres de todas as Nações", um filme de Raoul Walsh para a "Fox".
Das mulheres, fazem parte Greta Nissen, que tem o principal papel, Marjorie White e Fifi d'Orsay. E mais... e mais...

O Cantinho dum Cinéfilo

A *matinée* de «Cinema», na terça-feira passada, resultou, sob alguns pontos de vista, brilhantíssima. Não ficaria bem à modestia da nossa revista fazer uma tal afirmação, se para esse êxito tivéssemos concorrido com parte capital. Mas foi bem pequena a nossa contribuição para tal sucesso, devido quasi exclusivamente à excelência do programa apresentado, e não me repugna, por isso, salientar tal brilhantismo.

«Romanza Sentimental», para cuja superior beleza acho demasiado banais os adjectivos que por aí se desperdiçam, e «Ruas da Cidade», outro grande trabalho de realização fonofilmica, constituem um programa formidavelmente belo, cinegraficamente falando. Absolutamente opostos na sua feitura, quasi se completam na organização dum programa para satisfazer um cinéfilo — um cinéfilo com alma para sentir, com cabeça para pensar...

Se em alguma coisa de importante concorremos para o enorme êxito da nossa *matinée*, foi em acertarmos na escolha daquele programa. De nada valeria, porém, o nosso acerto, se não fosse a amabilidade muito grande das casas «Agência Cinematográfica H. da Costa Ltda.», que nos cedeu «Romanza Sentimental» e «Paramount Films S. A.», que pôs à nossa disposição «Ruas da Cidade» e os restantes complementos do programa, entre os quais a sempre curiosa «La Paloma», do mestre Fleischer.

Essas casas e a empresa do «Trindade», que gentilmente nos ofereceu a sua sala de espectáculos — uma das primeiras do Poito — é que foram os grandes contribuintes do êxito espiritual da nossa *matinée*. A essas três firmas, em nosso nome e no dos nossos leitores, o nosso agradecimento muito reconhecido.

■ ■ ■

Manda a verdade que se diga que tal êxito não significa que os nossos leitores que assistiram à sessão tivessem delirado com «Romanza Sentimental»!

Estou mesmo em crer — e estas linhas não são para os que constituíram excepção — que a maioria dos espectadores de terça-feira à tarde morreria sufocada se a palavra «Fim» tardasse mais alguns minutos... Essa maioria não compreendeu a obra de Eisenstein, nem sequer soube apreciar o maravilhoso trabalho fotográfico de todo o filme. Nem a essência nem a matéria de «Romanza Sentimental»

lhes impressionaram o sentido artistico do cérebro e da vista. Tal falta de compreensão e de apreço revelaram-se no *ah!* abafado, mas quasi em unisono, como em bem ensaiado grupo coral, que se ouviu na sala, ao surgir a palavra «Fim», de tam mágico efeito...

Paradoxalmente, está aí o êxito que sentimos com a apresentação de «Romanza Sentimental». Foi uma lição de bom cinema que demos aos nossos leitores. Poderíamos ter exibido antes um Ricardito ou um Ken Maynard, mas preferimos a obra de Eisenstein... Alguma coisa ficou dessa exibição, em beneficio dos leitores. Porque essa maioria que não compreendeu ou não apreciou o filme, não deixou de o ver em religioso silencio, até o fim. Abafados, sufocados, moribundos, ninguém saiu do lugar, todos olhavam o *ecran*, submetidos à atracção magnética das imagens de Eisenstein e de Tissé.

Não apreciaram? Mas olharam! Não compreenderam? Mas viram!

■ ■ ■

Por poucas horas, eu vi o «Trindade» transformado no «cine-clube» dos meus sonhos.

Ah, que se eu fosse rico!...

Se fosse possível insistir em filmes do género de «Romanza Sentimental» a educação cinegráfica do público far-se-ia. Lentamente, é certo, mas êle acabaria por compreender, por se interessar pela elevação do nível da produção filmica.

Era para isso que eu queria um «cine-clube». Filmes de ensinamento, filmes de tésse, filmes sociais, filmes do melhor cinema, para o público que quisesse instruir-se, educar-se, completados, de vez em quando, com palestras, conferências, dissertações. A Fernanda faria uma conferencia sobre «o espírito de René Clair», o Lopes Ribeiro falaria «da influencia do cinema soviético sobre os resultados do plano quinquenal ou vice-versa»; o Alves Costa faria uma conferencia intitulada «Georges Altman e Eu»; o Chianca de Garcia diria coisas sobre a «Preferência de Produtos Portugueses», e este vosso criado escolheria para a sua dissertação o titulo pomposo de «A còvinha do queixo de Jean Harlow em grande plano, ou as pernas da Marlene vistas em *contre-plongé!*»...

Ah, que se eu fosse rico!...

Amor e Mistério

Não é raro encontrar frequentadores de cinema que se apaixonem pelos artistas que figuram nos filmes, e isto tanto por parte de rapazes como de raparigas. Ha mesmo quem tente estabelecer contacto, por meio de correspondência, com as «estrelas» da sua predilecção, mantendo assim por largo tempo um amor impossível, que não pode ser correspondido, mas tam real, tam profundo e tam sincero como se acaso se tratasse de seres em estrita comunicação uns com os outros.

A escritora Mary M. Spaulding, apreclando um destes casos, anómalos e mórbidos, sem dúvida, mas tam frequentes, escreve:

«Acho esse factio natural e romântico. Porque de longe as cosas parecem-nos mais belas. As montanhas, quando dos seus cumes nos separam multas milhas de distância, mostram-se-nos azues, suaves como um tapete de veludo. Estão às vezes tam distantes que nos parecem gazes flutuantes perdidos em mundos de fantasia. E o nosso anelo de posse dá-nos ânimo, subindo ingremes ladeiras até que a montanha fique dominada por nossos olhos e pisada por nossos pés. E o que era azul e suave torna-se áspero e pardacento.

A cadela delicada das arvores, que nos dava a impressão de rendas fantásticas e misteriosas fadas, com os braços estendidos para o ceu, toma a escura tonalidade de troncos antigos, abatidos por todas as inclemências... A ilusão desfez-se com a aproximação.

Mas toda a vida é um esforço para o que desejamos possuir. E' possível que a grande sabedoria consista em anelar sempre, mantendo a maior distância entre o nosso anelo e a posse, para que dure infinitamente a ilusão azul que nos é tam cara.

A história está cheia de casos em que um amor nunca satisfeito, nem sequer remotamente correspondido, transformou em heróis homens que, sem aquele poderoso incentivo, teriam toda a vida vegetado no mais indifferente dos marasmos espirituais, na mais mediocre das «normalidades».

Na última conflagração europeia, os soldados sentiram a necessidade de possuir umas noivas distantes e desconhecidas, a que chamavam «madrinhas». E o que poderia ser uma morte obscura e miseravel tornou-se triunfal, graças à quimera inacessível, ao bem infinito dumas gotas milagrosamente vertidas na desesperança e na orfandade.

O grande valor de Hollywood está precisamente na distância misteriosa; na impossibilidade de que os fanáticos possam conhecer pessoalmente as suas «estrelas»; no feliz nexo entre a sua ilusão e a segurança de que nunca a realidade lhes tirará a formosa roupagem tecida pela sua fantasia.

Leonard Hall, um conhecido escritor americano, deve a sua carreira à paixão que sentia por Mary Pickford, que amava a distância desde 1910. Poderia citar um milhão de casos. Mas conheci um recentemente, por experiência, que bastaria para corroborar a minha filosofia.

Contou-me um jovem espanhol as preocupações amorosas, de que era objecto a alegre Lillian Roth. Tinha admirado a jovem actriz no «écran» luminoso. Um dia viu-a nos cenários dum teatro...



Lillian Roth, uma mulher cuja graça a torna imaterial na cena... a ponto de nos sentirmos desiludidos quando nos apercebemos de que é, a-final, uma mulher.

E embora a quimera tomasse perfis de realidade, a distância do binóculo ao cenário é muitas vezes para o fanático uma barreira insuperável... Nestas condições, os ardores do meu amigo aumentaram. «Vê-la tam perto e estar tam longe!» O seu caso era patético... Um dia arrancou-me a promessa de que, na primeira oportunidade, lhe apresentaria Lillian, e por fim, uma tarde, sob a inclemência duma chuva finíssima e molesta, encaminhamo-nos para o camarim da Roth. A emoção do jovem era sincera. A palidez do rosto exprimía o alarmante estado do seu coração. Através das luvas, as mãos tremiam levemente. E eu estudava o caso com a mesma avidez e

atenção com que um galeão estudaria um enfermo.

Chegamos ao camarim e, depois de bater suavemente à porta, a jovem actriz mandou-nos entrar. Pela desordem dos cabelos, voz enrouquecida e olhos levemente inflamados, verificamos que Lillian acabava de dormir a sesta.

Possivelmente Lillian, além de haver despertado bruscamente com a nossa indiscreta chamada, estava mal humorada pela série de contratempos ultimamente sofridos e que tam comentados foram no mundo do teatro...

O seu desgosto com Earl Carroll, o famoso empresario das «Vanities»; o pleito levado aos tribunais pela insolência do cãozito de Lillian, que destruiu com os dentes uma famosa almofada de grande valor, etc., etc. Mas as desgraçadas circunstâncias que concorreram não importam: Lillian, nesse dia, estava irritadíssima. Quis ser amavel e conseguiu-o à custa dum grande esforço moral. Mas os ataques biliosos põem aneis escuros em volta dos olhos e endurecem as comisuras dos lábios...

E o meu amigo idealista, enamorado do sonho distante, viu-se na presença duma realidade de cabelos avermelhados, que dava pontapés nas almofadas, nos sapatos e nos objectos que ficavam ao seu alcance.

Resultado: morreu ali mesmo a paixão do jovem espanhol. Nem a fotografia autografada, nem o sorriso amavel que lhe concedeu a actriz conseguiram dar calor aquela morta que levava dentro: a sua ilusão!

Eis a razão por que muitas vezes me mostrei inimiga sistemática de alguns meios de propaganda que utilizam vários «estudios» cinematográficos e as companhias produtoras, com o fim de aumentarem de algum modo o êxito da bilheteira.

Por exemplo, o que em linguagem vernácula de teatro se chama «personal appearance» e que as companhias ultimamente exploram desmarcadamente. E' certo que o público, alimentado ha anos com a ilusão das suas «estrelas», quando pode ir vê-las ao teatro em carne e osso experimenta o mais transcendental momento da sua existência; mas estas apresentações em público diminuem de maneira alarmante o valor intrínseco da «estrela». E' sabido que o «écran» envolve no Mistério as belas figuras que se movem na sua luminosa superficie. Mas, quando a vê na sua presença, ao alcance do «olho nu» (e o olho do público é clínico, frio, capaz de abranger os pormenores mais insignificantes) a pobre «estrela» cal, rola, despenha-se do pedestal, confundindo-se com a massa anónima que a aplaude.

Acabo de ver fantasticamente ilumi-

nado um grande teatro e no seu frontispício o nome de Lilyan Tashman, a ruiva exquisita, desaparecia em profundos feixes de luz. «Lilyan Tashman em pessoa».

Em frente do coliseu, a multidão formava «bicha» para entrar no santuário onde ia conhecer a artista que durante muito tempo gozou das suas simpatias. Devemos confessar que desta vez o incentivo era poderoso, especialmente para as mulheres: Lilyan regressava de Paris, e, sem omitir-se um único detalhe, deram-se extraordinária publicidade ao notável vestuário que a artista trouxera da cidade-Luz... O êxito foi completo. As mulheres acudiram para ver Lilyan vestida e os homens para a ver despir-se, quando a actriz mudava de traço em cena, segundo se anunciava como máxima atracção...

Mas, apesar da enorme popularidade da «estrela», não teriam preferido saber de Lilyan Tashman apenas o que o mistério do «écran» lhes tinha revelado? Não lhes ficaria a ilusão de que a sua voz, deliciosamente rouca através do «mike», tinha acariciadoras inflexões?

As «estrelas» recusam muitas vezes estas apresentações pessoais. Não tem sequer a vantagem de trabalhar num acto de variedades, em que o talento dê oportunidade para demonstrar a versatilidade do carácter do artista. No maior número de casos a «estrela», feminina ou masculina, deve sentir-se no mais cruel dos ridículos, sem outra mensagem para o público, que tam iludido vivera, que não sejam umas tantas palavras sem coordenação e desprovidas de lógica...

Preguntei a Lilyan Tashman, enquanto falávamos na discreta solidão do seu camarim:

— Está satisfeita com a recepção popular, Lilyan?

E a actriz respondeu-me num profundo suspiro, mordendo levemente o lábio inferior.

— Com o público estou satisfeita. E' arrável para comigo, mas a minha situação é violenta... Não estou satisfeita comigo mesma, e espero que isto acabe depressa. Não lhe parecei porventura vazia, mostrando apenas que tenho muita roupa?

Estas palavras encobrem um protesto. O público, que admirou do seu lugar uma «estrela», que riu e chorou sob o influxo da emoção que ela despertou em sua alma, recusa enfrentar-se com a realidade crua e desprovida de qualquer fantasia...

De maneira que a experiência da minha própria vida autoriza-me a dizer:

«A ilusão é preferível sempre à realidade. Que cada um adormeça em seus sonhos irrealizáveis e caminhe pela vida fóra com um belo ideal no coração.

Um dia, as necessidades imperiosas do ambiente social, as influências da família ou o grito da Natureza exigirão que êsse poeta iluminado una o seu destino a uma mulher do seu mundo social... segundo as regras estabelecidas desde todos os séculos.

E, qualquer que seja a mulher a quem se una, esta deve saber que ela é a realidade e que nunca poderá fazer desaparecer do coração do esposo a recordação da noiva distante, que tem sobre ela

O regresso triunfal de NILS ASTHER

Nils Asther regressa.

O cinema sonoro, com a sua inclemência, fez afastar Nils Asther do elenco da «M-G-M» quando estava a ponto de ser elevado ao grau de «estrela». O seu triunfo com o da sua compatriota Greta Garbo, fez ver nele grandes probabilidades para atrair o público aos salões. Mas veio o cinema sonoro, e Nils, que não falava bem o inglês, teve que retirar-se. Tinha reunido bastante



Nils Asther, actor da «M-G-M», em companhia de sua filhinha, Evelyn Duncan Asther

dinheiro, pelo que veio a casar com Vivian Duncan e com ela voltou para a sua pátria, para que fosse reconhecida pelos parentes como a rainha do seu lar. Como é sabido, o feliz matrimónio teve uma filha que ia custando a vida a Vivian, mas, passado o perigo, voltaram todos três para Hollywood.

Vivian e sua irmã Roseta houveram

grandes vantagens: nunca a ter visto, nunca vir a possuí-la e nunca perdendo, por isso, os divinos encantos de quimera azul.

As verdadeiras rivais das mulheres são aquelas a quem os homens desejaram sempre e nunca possuíram...»

que declarar-se em falência, perante o assombro geral de todos os seus conhecimentos, os quais não ignoravam que elas tinham acumulado uma fortuna considerável durante muitos anos de êxitos contínuos no teatro e no cinema. A generosidade exagerada das duas raparigas fôra a principal causa do desastre, para que também concorrera a má administração do *manager* de ambas, Vivian, ao casar-se e retirar-se da América com Nils, deixara tudo que tinha nas mãos do *manager*, e Roseta, que só sabia fazer o que fazia sua irmã, foi passar uma temporada em França.

Quando sucedeu o desastre, as duas irmãs resolveram trabalhar de novo e reunir outra fortuna em pouco tempo. O público reclamava o regresso de ambas e não havia teatro que lhes não oferecesse contrato.

Entretanto Nils não permanecia indiferente. Entregou-se com entusiasmo ao estudo do inglês e chegou a fazer uma *tournée* teatral em que ganhou muito dinheiro, demonstrando que «querer é poder», pois assombrou toda a gente com o seu inglês quasi perfeito. «Metro-Goldwyn-Mayer», que o tivera contratado anos antes, ofereceu-lhe uma experiência sonora, com a promessa de o contratar de novo se a voz e o acento ficassem bem registados. Fez-se a experiência e Nils saiu vencedor. Em compensação, firmou-se o contrato e foi oferecido a Nils o papel de jovem galã junto de Joan Crawford na produção «Letly Lytton». Foi um regresso bem triunfal.

Logo que êste filme foi concluído, Nils voltou a trabalhar com a sua amiga e compatriota Greta Garbo, com a qual havia trabalhado anteriormente em «Orquídeas bravas» e «O direito de amar». O filme que fizeram juntos desta vez é devido à pena de Pirandello e tem o título de «As you desire me» (Como tu me desejas).

Se Nils Asther agradecer de novo ao público, como é de esperar, a «M-G-M» deve conceder-lhe o lugar que John Gilbert deixará de vago logo que termine «Downstairs», película que actualmente está filmando e que é a última que fará para a «M-G-M». Como é quasi certo que não renouará o contrato, por incompatibilidade com a casa editora, Nils deverá substituí-lo, voltando a captivar as damas com o seu tipo de príncipe de lenda, que tanto as entusiasmara em anos pouco recuados.

Nils Asther anda com sorte. Liberto agora de todos os contratamentos passados, o porvir mostra-se-lhe risonho e desanuveado.

JAMES SMITH.

Nesta semana fazem anos:

De 2 a 8 de Julho

- Julho 2 — Hayden Stevenson.
- 3 — Léon Errol.
- 4 — William Farnum (56).
- 4 — Louis B. Mayer, produtor.
- 4 — Gordon Griffith (24).
- 7 — Larry Gray (34).
- 7 — Raymond Haton.
- 8 — Eugene Palette.



Estes quatro macambuzios cavalheiros, são, nem mais nem menos, quatro dos melhores cómicos do cinema americano. Pelos semblantes de Oliver Hardy, Stan Laurel, Jimmy Durante e Buster Keaton, todos da "M-G-M", vê-se logo que são artistas cómicos...

Como ha modas na costura, nos perfumes, nos veiculos e até nos nomes, ha-as também nos diferentes meios de distrair os seres humanos. O riso é de todos os tempos. Mas, em todos os tempos, o riso nunca foi o mesmo. Os que se riam com as facécias dum bôbo da côrte não podiam supor que, um século depois, Molière havia de divertir aqueles que agatanhava. O mesmo acontece em nossa época. Houve o riso de 1880, os cafés cantantes, as sátiras dos jornais em que André Ghil exercia a sua ironia e também o Chat Noir de que Rodolfo Salls, «fidalgo de taberna», fez o monopólio do espirito parisiense. Seriam considerados agora sinistros certos epigramas, certas canções e esses pequenos safnetes desempenhados numa linha caricatural e burlesca com que tanto se divertiram nossos pais.

Veio depois o cinema. E nasceu então um Riso novo. Um riso que, multiplicando-se, transformando-se constantemente, ainda conserva hoje, contudo, as primeiras bases da sua criação.

O cómico cinematográfico? Mas já se escreveram e imprimiram toneladas de papel a êsse respeito. Não obstante, ha ainda muito que dizer. Em primeiro lugar, devemos observar que a sua evolução é lógica, implacável, seguindo não só a moda mas associando-se às diferentes técnicas do cinema, adaptando-se mesmo à palavra, ao som.

Os primeiros filmes cómicos eram enternecedores, todos banhados duma Ingénua alegria. Era a época primitiva dos pastéis de creme, que se adivinavam de rosto a rosto. Foi em França a época

A evolução do riso no Cinema

por LUCIE DERAÏN

dos *Toto* e das corridas desesperadas de balão, de sombrinha e de chapéu. Uma espécie de comédia curta, renovada dos melhores *sketches* e das mais engraçadas cenas do teatro de Labiche. Mas do Labiche tornado «cinema», do teatro depurado, todo movimento, todo explosão de gastos, todo cavalgada desenfreada.

Tenho saudades daquele cinema. Deveríamos voltar a êle. Voltar à primeira concepção, à pura mecânica de gestos loucos, desordenados, hilarantes dos primeiros filmes de Fatty, Picratt (Alt-Saint-John) e de Malec (Buster Keaton). Esse trio realizou numerosas proezas. A acrobacia quebrava as linhas, desarticulava o fino corpo de Picratt, fazia saltar como uma pela elástica o encantador Malec de sorriso congelado e girar como um tonel Fatty radiante. Charlot, depois de ter sido um cómico vulgar, adoptava o seu traje clássico e, depois de participar algum tempo dos divertimentos do trio Fatty Malec Picratt, e dos seus jogos icários, fez-se só cavaleiro e lançou ou recebeu por sua conta pastéis de creme. A série dos Charlot da Mutual, da Essanay, da Keystone, em que tinha como parceiro Mabel Normand, não revelam ainda inquietação metafísica nem psicologia. Era o riso em estado de pureza,

brotando duma queda, duma plrueta, duma bengalada graciosa e dêsse eterno «complexo»: o riso resultante do sofrimento e da inferioridade física de outrem.

«Ele» apareceu. Era sem originalidade. Tornou-se Harold Lloyd. Enquanto Charlot, pouco a pouco, abandonava as suas exhibições simples, os seus assuntos baratos para abordar as histórias de aparência zombeteira mas de sentido profundo: «O garoto de Charlot», «Um dia bem passado», «Charlot, vida de cão», «Charlot nas trincheiras», «O dia do Pagamento», enfim, o «Peregrino».

Ao mesmo tempo, Buster Keaton aparecia em «As Leis da Hospitalidade» e impunha a sua silhueta de rapaz tímido, sentimental e antecipadamente submetido às injúrias da existência. Harold Lloyd filmava «O homem mosca», e com êle o riso tornou-se automático, produzido por incidentes que se sucediam com uma regularidade de cronómetro. Todas as grandes produções de Harold Lloyd se ressentem da precisão dos efeitos calculados. Foi o nascimento dos *gags* escritos, e não como outrora dos efeitos que brotavam súbitos, espontâneos, duma attitude dum pé torto. Os specialistas do riso formaram-se na dura escola da experiência. Fez se um repertório do que fazia rir e do que deixava o espectador indiferente. Cada efeito foi calculado, experimentado. Os «gags» tornaram-se permutáveis. Modificaram-nos segundo o filme, o individuo que servia de «vedêta», o o género de efeito, a sua colocação, o seu próprio objecto. Na maior parte dos filmes de Harold Lloyd, havia Lloyd, havia uma boa parte de coragem.

U M A V I S O

E' na proxima sexta-feira, 8 de Julho, que a

Sociedade Geral de Filmes, L.da

apresenta no

CINEMA BATALHA

em primeira reexibição no Porto, a extraordinaria super-produção

"UMA NOITE DE RUSGA"

falada e cantada em francês, com os populares artistas

ALBERT PRÉJEAN, ANNABELLA e o excelente cómico LUCIEN BAROUX



N Ã O E S Q U E Ç A , P O I S :

Sexta-feira, 8 de Julho — "Batalha" — "Uma Noite de Rusga"

Em «O Az da Velocidade», por exemplo, os estropeados, inválidos dum bairro Intefro de Nova-York, entram em luta com um bando de malandrins, socorrendo-se de todos os seus meios, as muletas e pernas de pau. E' uma zaragata diabólica. O riso provem da acumulação de quadros separados em que cada velhote derriba um dos vagabundos com um objecto imprevisito. Em Buster Keaton é, ao contrário, uma catástrofe natural que diverte e atinge o delírio quando o homem de rosto impávido circula em meio do desastre, tentando os mais ridículos esforços para sair d'ele.

Esta série de grandes comédias, que deixavam muito para trás os pequenos filmes de duas bobinas, contavam seis e oito bobinas. Sairam delas verdadeiras obras primas, que pertencem agora ao que se chama nas salas especializadas o *repertorio*. «As Leis da Hospitalidade», «O Maquinista», «O Marinheiro de água doce» pertencem a esse número. E admiro-me de que não fiquem entre elas o «Harold encravado», de Harold Lloyd, que ao mesmo tempo sentimental e movimentada e em que o realizador aproveitou cenas do ar livre.

Houve tambem Laurel e Hardy. Um gordo, escarminho; o outro magro, pasmado e calmo. O falado fez deles vedetas do riso. Os seus efeitos são os mesmos que nas películas mudas. Gestos ridículos, desastrosos, recelo de Laurel, cólera infantil de Hardy. Logo no primeiro filme falado em francês, o seu acento patusco, a sua linguagem cômica e difficilissima fizeram rir multidões inteligentes. Mas Laurel e Hardy, cuja artilharia cômica exploraram já por completo, e

que se renovam pouco, conseguirão manter-se muito tempo?

Buster Keaton não teve sorte com o falado. Continua a ser um cómico de grande talento, humano, sensível, mas, ao que parece, só faz rir por condescendência. Ha ali gargalhadas que são verdadeiros disparates quando Buster se encontra numa situação critica e mesmo patética. E' próprio dum grande cómico fazer rir quando êle revela sofrimento. Buster falou francês. Possui tanta inteligência e vontade que chegou a arrastar o público, a divertilo no «Pamplinas em Pijama», por uma série louca de incidentes que recordam os *vaudevilles* de antes da guerra e os filmes de Rigadin.

Quem sabe o que faria Max Linder, cómico fino e distinto, e que foi, diz Chaplin, o inspirador do grande mímico, agora que o cinema fala, canta e faz algazarra? E' natural que o seu talento se adaptasse a tudo. Como se adaptaram esses pequenos personagens deliciosos criados outrora pelos desenhadores de espírito e que o filme falado transformou em grandes vedetas.

Quero referir-me aos personagens de desenhos animados. Agora um desenho animado é um complemento indispensável do programa. Qual é a sala que se não orgulha de projectar um que seja excepcional? O desenho animado conheceu uma voga doida na época de *Felix o gato*. Quando o cinema se tornou falado, nasceu um animalzinho espirituoso e irrequieto, a rata *Mickey*, que tambem seguiu, como as suas congêneres, a evolução do riso cinematográfico. A rata *Mickey* vagabundeava num mundo cheio de objectos animados e de animais ma-

liciosos. Agora esse universo feérico tornou-se humano. Cada vez vão aparecendo mais figurinhas com aparência duma *girl* graciosa, dum *pirotto* clássico, dum farrroupilha insolente. E os excelentes autores de desenhos animados, os irmãos Fleisher, modernizaram os seus antigos personagens: o *clown* Koko e o cão Fido, acrescentando-lhe a gentil Betty, de rosto enorme e olhos provocadores. O desenhador explora o mundo submarino, faz valsar congros e hipocampos, com menos acento mas com mais chiste do que o nosso amigo Jean Painlevé. Passa depois ao país das aves, depois ao dos pêndolos, que teem todos um animismo extraordinário e horroroso.

Os últimos desenhos animados possuem uma técnica diferente. Cada efeito parece mais estudado e tambem mais inteligente. Mas que pena eu tenho das primeiras *Micky* em que descobrimos um adorável mundo de coisas dotadas de vida e de transformação simultânea!

Flip a rã, a rata *Mickey* e Betty a domadora substituíram para nós os grandes cómicos humanos. E depois o espectador apaixonou-se pelos desenhos animados, que oferecem «sem reflexão» o seu multiplo arranjo de efeitos cômicos, um prazer são e despido da profundidade, uma distracção bem util nestes tempos compassados, febris, incertos.

Mas, se o desenho destronou a imagem viva, façamos votos por que da tradição dos grandes cómicos surja um novo comediante, se estabeleça uma nova fórmula de riso. Porque o homem, animal triste, vertical, pensante, absorve e destrói, uns após outros, os ídolos que criou para seu regosijo.

Assim falou Clive Brook...

Todavia, inconscientemente talvez, graças à supremacia que a produção americana conquistou, os ingleses e até a Europa inteira tem prestado ultimamente mais atenção às suas películas.

A Europa viu como a América do Norte, com o seu dinheiro, arrebatava *material* europeu, que converte depois em excelentes atrações de bilheteira. E a Europa, de pronto, ergue-se vigilante, tratando de arranjar que o dinheiro americano não conquiste mais Dietrichs, Garbos, Negrís, Brooks, Rothbones... Eis porque, à sua chegada a Inglaterra, Clive Brook, que é ali um ídolo como o é em todo o mundo, foi recebido e agasalhado como um rei e poderosamente tentado por grandes empresas inglesas para que abandonasse Hollywood e ficasse na sua pátria filmando dramas que beneficiariam a Europa e seriam também vendidos na América, onde o nome do actor inglês gosa de grandes simpatias...

As ofertas que Clive Brook acaba de receber no seu país não podiam ser mais tentadoras... Empresas de potência mundial ofereceram-lhe não só vantagens magníficas como actor, mas também a entrega do megafone, com todos os privilégios inerentes. Mas Clive recusou.

Pôde ser que a inteligência brilhante de Clive Brook tivesse deixado uma pequena esperança no ânimo dos seus compatriotas para ter sempre a porta aberta... E' possível que só queira aproveitar a oferta inglesa para atrapalhar um pouco os produtores americanos... De qualquer maneira, Clive, pelo momento, continua a ser «estrêla» da «Paramount.»

Nessa pequena recepção à imprensa, Clive Brook fez as seguintes e interessantes afirmações, que não resistimos à tentação de transcrever de uma revista estrangeira:

— «Tive uma experiência curiosíssima quando acabei a minha primeira película falada. Ninguém conhece como é o verdadeiro timbre da sua voz senão depois de o ouvir num disco ou pelo rádio. Eu nunca tinha sonhado que o tom da minha voz e, sobretudo, a minha entoação inglesa, fosse deveras tam marcada, como me sucedeu quando ouvi o meu primeiro rolo de filme falado... Foi a mais dura decepção da minha carreira!... Acostumado durante quatro anos a ouvir falar os americanos e conservando eu próprio, não sei porque raro fenómeno, toda a particularidade do meu acento inglês, — quando escutei a minha voz, que tam milagrosamente o microfone havia recolhido, senti-me ridículo!... Compreendi que em Londres se exaggera ao falar, que não se dá à linguagem a ligeireza necessária para que seja bela e correcta.

Mas também notei que os americanos que falavam no mesmo filme, se bem que mais naturais, destroçavam lastimosamente a nossa língua. Desde então esforcei-me por dominar o acento um pouco pedante dos meus compatriotas, sem tomar as liberdades do norte-americano.

Quando se apresentou a minha primeira película falada os produtores moveram negativamente a cabeça e disseram em unísono: *Creio que Clive não serve...* O público americano não suporta esse acento de Oxford... Mas a segunda película trouxe-lhes uma surpresa inverosímil: eu havia dominado o idioma americano sem cair nos disparates fonéticos dos meus camaradas de Hollywood. E para cúmulo de ironia, quando esta segunda película chegou a Londres, os meus patricios levaram as mãos à cabeça e com desespero começaram em improperios porque eu falava como um americano...

Tenho de confessar que a Inglaterra foi leal



Depois de uma breve ausência de seis semanas, Clive Brook regressou de Londres, sua nebulosa terra natal. Quis celebrar o retorno ao que ele chama o «ninho» — Hollywood — com um pequeno festim oferecido a um reduzido número de rapazes da imprensa.

Clive Brook, com a austeridade própria da sua raça, fez as honras da casa. Contou mil anedotas curiosas, as suas impressões de Londres e a diferença que, agora mais do que nunca, se nota entre o temperamento, a educação e os gostos do inglês e do americano...

C Naturalmente, o tópico principal, imprescindível, da conversa, foi a indústria do cinema na Europa. O problema dos idiomas, o acolhimento que dá o mercado inglês às produções americanas, especialmente aquelas onde de maneira escandalosa se revela a vida do racketeeriismo norte-americano, que deixa pasmados os metódicos e bons subditos ingleses, incapazes de compreenderem a verdade enorme desses dramas em que dois partidos disputam a supremacia no mercado criminal, formando eles próprios um governo com as suas forças armadas, os seus policias e toda a protecção da lei...

M Serenamente, o inglês assiste à exhibição destas películas que o tio Sam lhe manda; e no seu espirito, tam nebuloso como o seu país, surge a dúvida se se tratará de um exagêro à Buffalo Bill, ou se efectivamente o estado de selvagismo que se desenrola na pantalha existe ainda no novo mundo...

A De qualquer maneira, o inglês não perde o sono com estas dúvidas. S Encolhe ligeiramente os ombros e quiçá murmura: «estes americanos!...»

para com o filho pródigo: agora a-pesar-de falar um inglês perceptível sem exageros idiomáticos, as casas produtoras inglesas querem que trabalhe para elas. E creio que se aceitasse a oferta, o meu trabalho principal seria para fazer do idioma de Shakespeare uma língua uniforme para todos os países onde se fala.»

Um jornalista, um desses bisbilhotadores para quem não ha segredos, lembrou-se de perguntar se, de facto, o público pretere que os ídolos se conservem solteiros...

— «Sim, — responde Clive —. Mas se estimo a opinião dos meus admiradores, nunca me preocupo com as discussões

que se originam sobre a minha vida privada. A minha mulher, os meus filhos, a minha casa não teem nada que ver com a minha carreira. Eu dou ao público o mais que posso quando estou a trabalhar para êle no *écran*. Uma vez na intimidade do meu lar sou um cidadão como outro qualquer, a quem muito aborrece que o vizinho meta o nariz na sua casa... Bastante se sofre sacrificando, em diversas ocasiões, a tranquillidade do lar e da família em benefício da arte!...»

Clive conta depois o instante mais emocionante da sua vida...

Estava filmando uma película. Chegou o momento em que tinha de tomar

nos seus braços a heroína do drama e, mais com o gesto do que com a palavra, convencê-la da veemência da sua paixão...

As câmaras estavam prontas para surpreender a intensidade do beijo. A bela mulherzita desmalava nos seus braços, quando o criado do artista se aproximou tenebroso e sem tomar em conta que estava a estragar alguns metros de filme, disse ao actor:

— «Mr. Brock, acabam de telefonar da sua casa dizendo que a senhora foi levada para o hospital...»

(Continua na página 13).

“Shanghai-Express”

Quero conhecer a opinião de Clive Brook acerca de Marlene Dietrich, com quem acaba de filmar a sua última película, “O expresso de Shanghai”. Mas este homem é o principe da discreção...

Cortezmente foga a uma resposta directa:

— “Miss Dietrich é uma grande actriz... E' agradável trabalhar com ela... Gosta-se muito dela no meu país... Tem enorme popularidade...”

Em concreto, Brook diz-me o que já sabia, o que todos sabemos: que a actriz alemã é encantadora, que com boas oportunidades revela como é um elemento de valor, etc.

Nós sabemos, em troca, que qualquer artista podia ter servido para o papel de Dietrich em “O expresso de Shanghai”. Este filme é um alarde magnifico de fotografia. E' a última expressão da arte directorial, é a película suprema dos detalhes perfectos, — e nada mais. O enredo é infantil. Por outras palavras: não ha enredo. E' uma obra colossal apenas pela arte da sua fotografia...

Nem Marlene Dietrich, nem Anna May Wong, nem Warner Oland, nem o próprio Clive Brook, que de maneira tam discreta se distingue em todos os seus filmes, tiveram muito que fazer em “O expresso de Shanghai”. O director e a sua estupenda técnica bastaram.

MARY SPAULDING.



Dentro e Fóra dos Estudios

A «Gaumont British» inaugurou ha pouco os seus novos estúdios em Sheferd's Bush, cuja construção se elevou a 25 mil contos. Aquela casa tenciona produzir esta época 30 a 40 filmes, dos quais algumas versões francesas e alemãs, num custo total de 95 mil contos.

A casa francesa «Films Osso», de colaboração com a firma inglesa «Mayfair Productions», vai filmar em Londres a opereta «Le Roi des Palaces».

Norma Talmadge vai filmar em Berlim?

Segundo informes de Berlim, a actriz americana Norma Talmadge adquiriu uma villa em Grunewald, nos arredores de Berlim, o que faz supor que ela pensa fixar-se na Alemanha, onde, possivelmente, interpretará algum filme. (Informação A. I. C.).

Al Jolson já começou a sua nova fita para a «United Artists». Intitula-se «The New-Yorker» («O Nova-Yorquino»), e tem como outros intérpretes Madge Evans, Harry Langdon, Chester Conklin e Vince Barnett.

A casa francesa «Éclair-Journal» produziu ha dias nos Estudios «Éclair» um documentário com o título «Como se faz um jornal sonoro».

Laurel e Hardy na Europa

Os populares cómicos da «M-G-M», Stan Laurel e Oliver Hardy veem à Europa, devendo sair de Nova-York no «Majestic», na próxima sexta-feira, 8 de Julho, com destino a Londres.

Dorothy Christy, aquela linda lourinha que vimos em «Pamplina em Pijama», foi contratada pela «Paramount» para um dos papeis da fita «Devil and the Deep», ao lado de Tallulah Bankhead e Gary Cooper.

Max Neufeld, um dos realizadores de «A Culpa é do Bibi», vai dirigir para a «Osso» uma comédia intitulada «Uma rapariga e um milhão». Claude Dauphin e Magdeleine Ozeray serão os principais intérpretes.

Hans Albers processado

O actor alemão Hans Albers acaba de ser processado pela casa francesa «Vandor-Film», por rutura de contrato. Esta casa, que exige 50.000 marcos de indemnização, alega que Hans Albers se havia comprometido a interpretar as versões alemã e francesa do filme «Das heilige Grabmal».

De regresso de Cannes, onde esteve tirando alguns exteriores para a sua próxima fita «Perfect Understanding», chegou a Londres a actriz americana Glória Swanson. Seu marido Michael Farmer é o primeiro actor.

Marion Nixon foi escolhida pela «Fox» para interpretar «Walking Down Broadway» («Passeando por Broadway»), em que James Dunn é o primeiro actor.

Depois de Lilian Harvey, Anny Ondra...

Como anunciamos ha meses, Anny Ondra pensa ir brevemente para Hollywood, onde interpretará dois filmes sob a direcção de seu marido Carl Lamac. Anny Ondra tem recebido ultimamente várias propostas de casas americanas.

Cecil B. De Mille está fazendo os preparativos para a filmagem de «The Sign of the Cross» («O Sinal da Cruz»), que a «Paramount» vai produzir com Miriam Hopkins e Fredric March.

René Lefebvre, que ainda ha pouco vimos em «A Culpa é do Bibi», está ter-

Artistas lesados

Entre os artistas cinematográficos que sofreram maiores prejuizos com a suspensão de pagamentos do «First National Bank of Beverly Hills», contam-se Greta Garbo, Jean Harlow, Wallace Beery, Lew Cody, Marie Dressler, Constance Bennett, Marion Davies e Conrad Nagel. O realizador Fred Niblo também foi prejudicado.

minando para a «Pathé Natar» a fita «A sua melhor cliente», com Elvire Popesco.

Albert Préjean vai interpretar um filme para a «Ufa», cujo título ainda se desconhece.

O realizador alemão Friedrich Zelnik, marido de Lya Mara, vai filmar «A Dama das Camélias», de Dumas filho.

Edmund Lowe e Victor MacLaglen, que veremos brevemente em «Mulheres de todas as nações», vão interpretar para a «Paramount» a fita «Riddle Me This».

A censura alemã decidiu proibir todos os filmes sobre a Legião Estrangeira.

De regresso dos Estados-Unidos, está em Budapeste a actriz húngara Vilma Banky.

Um «metteur en scene» original

Um estúdio no qual Ernst Lubitsch esteja a proceder à realização de um filme apresenta sempre um aspecto original e pitoresco.

Como muitos artistas, o famoso realizador não é exento de certos hábitos muito pessoais. Ao emprender a realização dum novo filme, faz sempre uma larga provisão de charutos e cigarros, dos quais faz, durante o trabalho, um estupendo consumo.

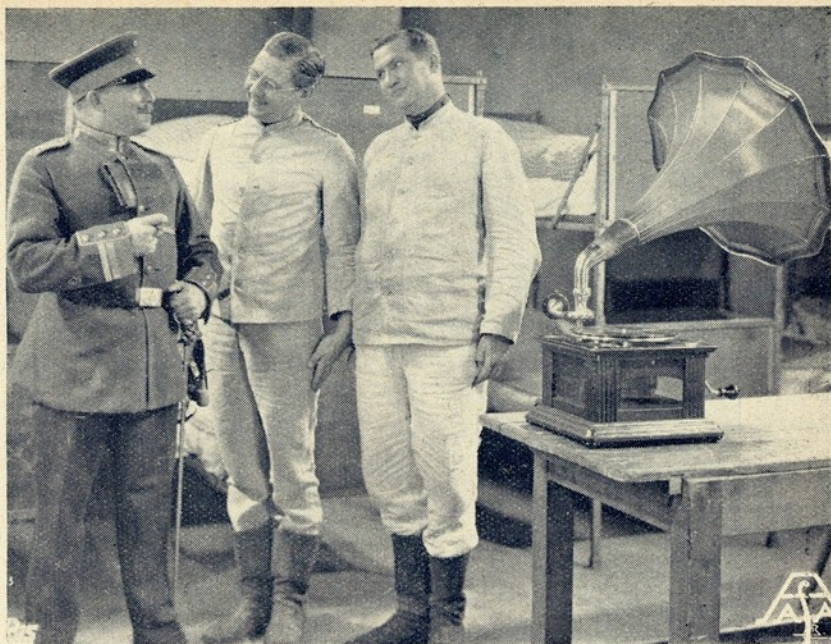
Uma estatística de novo género registou, para a posteridade, cifras verdadeiramente impressionantes. Durante a filmagem da «Parada do Amor», por exemplo, Lubitsch fumou nada menos de setecentos e cinquenta charutos e 4.000 cigarros. O bastante para sustentar uma tabacaria! Mas não é esta a unica excentricidade do extraordinário realizador. Enquanto trabalha, Lubitsch não pôde estar parado um momento. A imobilidade parece pesar-lhe. Dirige o trabalho dos artistas numa agitação constante. Vai e vem sem cessar, sendo impossível calcular-se o número de quilómetros que percorre, nestas voltas constantes, durante a realização de um filme.

O Dr. Egon Breitner é um jovem astrónomo que sabe bem vêr os astros, mas que de coisas que se passam neste mundo, não compreende nada.

Por isso, talvez não haja ninguém que tam mal se preste para ser soldado, como ele. Mas um belo dia também Breitner recebe o aviso para assentar praça.

O capitão não tem uma opinião muito boa sobre as praças de curso anual, e o exemplar mais recente desta categoria confirma todos os receios. Pelos seus actos de desageldato, o homem da ciência leva os seus superiores redondamente à extrema raiva. Choviam os castigos se não tivesse no recruta Zapp um amigo que o libertasse das suas situações difíceis. Zapp tem, como se costuma dizer, um coração de ouro, e este coração não bate só para o seu amigo Breitner, mas também para Ana, a encantadora filha de alfate militar Schulze. Infelizmente, porém, Ana não quer saber de Zapp. Tem simpatia por homens de maior cultura, por exemplo do feitto do jovem astrónomo. Breitner, no entanto, é insensível às galanterias vindas daquela direcção. Em todo o caso, ele que até agora se tinha preocupado apenas com fenómenos «celestes», começou a dispensar a sua atenção a um fenómeno terrestre, a nova estudante Lotte Fiedler.

Acanhado como é, não lhe foi possível estabelecer o contacto com ela. Pior ainda, aparece um rival, o qual consegue impedir uma entrevista. Pouco a pouco, sob a influência do meio militar, Breitner torna-se um homem, capaz de estar com os dois pés na terra, não deixando tam facilmente que o prejudiquem. Mas o seu



“A Milicia da Paz”

Comédia produzida pela A. A. F. A.

Realização de Max Obal.

Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal.

PRINCIPAIS INTERPRETES

Fritz Kampers, Paul Horbiger,
Claire Rommer, Lucie English e
Albert Paulig.

capitão ainda não se convenceu da sua transformação e vai às manobras com o receio de que um recruta do curso anual

cometa uma asneira que possa estragarlhe a sua carreira de Major.

Não é assim que acontece. Graças a uma ligação de acasos felizes, Breitner e Zapp são daqueles que em primeiro lugar entram na aldeia ocupada pelo adversário. O capitão sobe a Major, recebendo do General em pessoa, os parabens por ter dois soldados tam valentes.

Depois da manobra descansa a reserva. Breitner torna a vestir o seu fato à paisana e casa com a menina Fiedler. Menos feliz é Paulo Zapp. Se bem que com a farda tivesse feito um visião, agora, com um fato à paisana muito rto, tem de perder as ilusões quanto à filha do alfate.

Breitner, porém, compra-lhe a indumentaria precisa e arranja-lhe um bom emprego. E então — como são todas as mulheres! — Ana mostra-se disposta a casar com Paulo Zapp.



IMPORTANTE

Não se esqueça de que a senha de «bónus» deste número lhe dá direito ao desconto de 50 % no espectáculo do «Batalha», de sábado, 9 de Julho.

O Enigma Greta Garbo



Uma das suas últimas fotografias

Houve na sala um movimento de admiração. Greta Garbo havia aparecido no «écran», muda, silenciosa, enigmática e inquietante como sempre. Agora talvez mais enigmática do que nunca. Greta Garbo ia falar. Romper-se-ia o encanto, essa atmosfera maravilhosa que o silêncio havia criado em torno dela? Greta não envergava um traje magnífico nem oferecia a atitude de uma grande dama isolada no ilhote da sua originalidade. Greta trazia um vestido muito modesto e da sua mão direita pendia uma velha maleta. Greta surgia das misérias dos *bas-fonds*. Enfermiça, palida, envelhecida, anquilada por todos os vícios.

M E Greta falou. A sua voz rouca, desfigurada pelo alcool, teve na sala um tragico esvoaçar de ave nocturna. As meninas sentimentais soltaram uma exclamação de horror e de desagrado. Não obstante, ao terminar o filme, nenhuma

delas disse que Greta havia deixado de ser Greta.

Nós fomos mais alem.

«Greta Garbo» — pensamos — continua a ser a primeira».

A estatueta nordica, aquela paradoxica especie de chama fria, de marmore frio e vibrante havia abandonado o seu silencio, mas continuava sendo esse belo enigma do qual se espera sempre a todo o momento uma emoção nova e desconcertante.

A voz grave de Greta Garbo é um elemento mais de esse conjunto que fez da «estrela» sueca uma coisa aparte no cinema.

Compreendemos que não mentiam os telegramas vindos da America. Compreendemos que não fôra ditada pela propaganda a noticia de que a estrela de «Anna Christie» havia constituído um exito sem precedentes nos Estados Unidos.

Diz-se que Greta, antes de filmar a sua primeira pelicula falada, esteve uma temporada ausente de Hollywood. Ninguém sabia que rumo havia tomado nem onde se encontrava. E isto criou em torno dela uma atmosfera desfavoravel de suspeita.

«Uma vitima mais do cinema falado», diziam os criticos.

E o publico comentava:

«Não voltaremos a ver Greta».

E eis que de repente os anuncios da imprensa lançaram esta promessa sensacional:

«Os admiradores de Greta Garbo vão ouvir a sua voz».

Todos esperaram ver como uma «estrela» de primeira grandeza se obscurecia. Todos prediziam o fracasso de uma mulher que parecia amassada com o enigma do silencio.

E foi um grande triunfo. Todos os reporters se lançaram em busca de Greta Garbo. O publico apinhou-se em frente da porta do hotel onde ela ceava. Mas ela fez-se desculpar perante os reporters e saiu do hotel por uma porta de serviço.

«Sempre a mesma», disseram todos.

E realmente Greta continua sendo a mesma. Houve quem lembrasse que a sua conduta era uma farsa imposta pelos estudos com um intuito de publicidade. Mas é absurdo admitir-se que Greta possa acatar tal imposição. Desde pequena que Greta acusa um temperamento indomito, rebelde e independente. Quando chegou a Hollywood o cinema estava entregue à graça frívola e bulhosa da «flapper». Estas raparigas eram obrigadas a rir e a fazer continuas loucuras. Era como um concurso de resistencia sem solução de continuidade. Se alguma delas se tivesse permitido um momento de meditação e imobilidade, o director haveria prescindido dos seus serviços.

Não obstante, Greta não se deixou influenciar pelo ambiente. Haviam de aceita-la tal qual era, ou então nada feito. Vagueou pelos studios, solitária, pensativa, indiferente a todo o exterior. Por fim contrataram-na. E' possível que os empresários se houvessem arrependido e considerassem irreflectido o seu gesto. Greta era uma rapariga arisca, sem aparente vitalidade, sempre fria e absorta.

Chegou, porém, o dia em que lhe foi confiado o primeiro papel, e todos sabemos o que sucedeu. A história do cinema não regista talvez um êxito tam formidável e tam rápido. Adoraram-na os homens e imitaram-na as mulheres. E Greta Garbo continuou encerrada na sua misantropia que fazia dela quasi uma sombra.

E' impossivel catalogá-la entre as artistas da arte cinematográfica, como é impossivel esboçar o seu retrato psicologico de mulher. Por isso os jornalistas limitam-se a acumular detalhes sobre a sua conduta. Desse monte de informações cada leitor tirará a sua impressão de conjunto e fará a sua critica.

Greta adora o sol e passeia frequentemente sob o caudal dos seus raios em companhia de um cão. Gosta tambem das flores, mas sem exagêro. A's vezes os seus passeios desviam-se para a costa. O mar exerce sobre ela uma gran-

Carole Lombard não faz projectos para o futuro

Ha dias fiz a todas as casadinhas de Hollywood a seguinte pergunta:

«Que faz você para triunfar no matrimónio e no cinema ao mesmo tempo?»

Norma Shearer, Joan Crawford, Maria Alba e muitas outras responderam com êxito à embaraçosa pergunta. Agora coube a sorte a Carole Lombard de responder.

«Não sigo nenhum método ou regra» — afirmou Carole. «Por temperamento, detesto profundamente a palavra «norma» em qualquer acto da minha vida, e muito menos posso admiti-la quando aplicada ao casamento. Tenho uma fé sem limites na espontaneidade porque creio que o que o instinto nos dita está em mais harmonia com a verdade do que o que se faz pensada e calculadamente.»

«Nunca cheguei a compreender a terrível acusação que pesa sobre os matrimónios hollywoodenses. Fundamentalmente, nós somos iguais a toda a gente, vivemos a mesma vida, pensamos as mesmas coisas, casamo-nos da mesma maneira e comemos e vestimos como os demais o fazem geralmente.»

«Sendo assim, porque pesará tam grave acusação sobre as nossas cabeças? Porque será que todos põem em dúvida a felicidade e duração dos nossos casamentos? Julgarão por acaso que temos os pés voltados para o teto, ou que vivemos de um modo assombroso e diferente?»

«Enamoramo-nos, casamos e esperamos ser felizes, do mesmo modo que todos os mortais. Algumas vezes não acertamos



Madame William Powell, ou seja Carole Lombard, só crê no «hoje» e não faz planos para «amanhã»

de atracção, e é ao contempla-lo que os seus olhos de um gris verdooso com pupilas negras, adquirem a expressão de mais magnífica tristeza.

A par das coisas de que gosta, ha muitas outras que Greta detesta. Horrorizam-na os convencionalismos que formam a grande farsa social. O palavriado inútil, as melas, as entrevistas dos reporters, os autografos nas fotografias, os mirones quando trabalha, as demonstrações ruidosas de afecto, a máquina de escrever, os pós e as pinturas fóra do estúdio e a curiosidade do público que concentra nela os seus olhares em qualquer parte que a encontre, tudo isto molesta a genial «estrêla».

Em troca, agradam-lhe as crianças, as emoções das montanhas russas, a música de «jazz», a leitura de tudo quanto pôde proporcionar-lhe uma inspiração para o seu trabalho, os cigarros sem nicotina, os gelados nos dias calmosos, a salada de legumes, os banhos na piscina da sua propriedade, caçar sapos, assobiar, conduzir o seu automóvel, etc.

E para completar estas notas, diremos que o seu verdadeiro nome é Gustafson, que não gasta dinheiro em coisas inúteis, que tem poucos amigos, mas que para estes estão sempre abertas as portas da sua casa, que pesa 55 kgs. e mede 1,57 de altura, que é infatigável para o trabalho e que só se penteia «à Greta» quando tem de trabalhar nos estúdios.

Eis aqui, leitores, tudo o que pudemos saber para vos ajudar a decifrar êsse mistério que se chama Greta Garbo.

J. B. VALERO.

na escolha e separamo-nos, mas o mesmo sucede em todas as partes do mundo.»

«Bill — é assim que Carole chama a seu esposo William Powell — e eu somos pessoas adultas. Basta-nos inclinarmos para o nosso trabalho para nos divertirmos, não estamos mentalmente atados a Hollywood nem nos sentimos particularmente envolvidos na sua vida social. Compreendemo-nos maravilhosamente e divertimo-nos o mais que podemos.»

«Julgo ter tantas oportunidades para viver o melhor possível como qualquer outra mulher. Gosto de gozar e faço tudo quanto está ao meu alcance para o conseguir. Se com o tempo me apercebesse de que me havia enganado, separar-me-ia de Bill. E fa-lo-ia mesmo antes de que a nossa união me fosse odiosa a ponto de me fazer olvidar todas as boas recordações que conservo. E se tal caso se desse, julgo que Hollywood nada teria que ver com a minha resolução.»

«Nada me parece tam despropositado como conceder entrevistas acerca dos meus planos para conservar simultaneamente o meu marido e a minha carreira. Mais ainda, recuso-me a fazê-lo. Em primeiro lugar porque não poderia, mesmo que quisesse, incapaz como sou de planear ou regular qualquer coisa. Nem Bill, nem eu perdemos o tempo fazendo planos de futuro. Para que pensar no amanhã se o «hoje» é tam importante e passa tam depressa?»

«A's vezes decidimos de repente uma viagem ao México, a Santa Bárbara, a Arrowhead ou a Palm Springs. Vestimos os nossos casacos, pegamos nos nossos planos de viagem mais indispensáveis, metemo-nos no «auto» e pomonos a caminho. No dia seguinte regres-

samos a tempo de não sentirem a nossa falta no estúdio. Isto, aparentemente sem importancia, demonstra o nosso modo de pensar e a facilidade com que ambos obedecemos ao impulso do momento. E' assim que gostamos de viver. E pode crer que uma viagem maduramente delineada não teria o sabor e a originalidade destas fugas rápidas e imprevistas.»

A nossa entrevista estava terminada. Sai de casa de Carole preocupada, pensando para comigo mesma que de todas as entrevistadas era talvez ela a mais irreflectida, mas possivelmente e por isso mesmo a que melhor sabia viver a sua vida.

LAURA ELLSWORTH FITCH.

Assim falou Clive Brook...

(Continuação da página 9)

Bruscamente, Clive largou a «estrêla» e sem ouvir os gritos furiosos do director, correu ao telefone... Do hospital avisaram-o de que, efectivamente, sua esposa estava nesse momento na mesa das operações... A mulher de Clive Brook debatia-se entre a vida e a morte...

A-pesar-de tudo, Clive não podia abandonar o set. Sabia que cada hora que passava representava milhares de dólares para a companhia... Um actor tem de cumprir as exigências dos contratos...

E eis como o actor viveu a maior tragédia da sua vida naqueles instantes em que beijava apaixonadamente uma mulher que lhe era indifferente, — enquanto que a companheira da sua vida sofria cruéis agonias estendida na branca cama de um hospital para lhe dar a suprema felicidade de um filho...

Pelos nossos Cinemas

ANJOS DO INFERNO (Hell's Angels): — Howard Hughes, o multimilionário americano de 28 anos, que é um apaixonado da aviação, decidiu-se, ha quatro ou cinco anos, a gastar alguns dos seus milhões num grande filme em que a quinta arma fosse a protagonista, intérprete de grande actuação, em cujas grandes cenas êle pudesse cevar os desejos da sua paixão.

E fez «Anjos do Inferno». Mas quis



ser tão esmerado na realização do filme, particularmente nos quadros aéreos, fez repetir tantas vezes — como rezam as crônicas — as cenas capitais da película, que precisou de três anos para a completar, não reparando, o milionário embevecido na sua obra, que a «First National» — «Warner» estava preparando e apresentava primeiro «A Patrulha da Alvorada»...

«Anjos do Inferno» tem duas partes absolutamente opostas. A primeira, meramente construtiva, preparando o grande espectáculo da segunda, é falha de acção, arrastada e — com excepção da seqüência do ataque a Londres, que nos deu os quadros do zeppelin irrompendo das nuvens, quadros de inenarrável e inigualável beleza, dos melhores de todo o filme — vive dum esboço de novela-de-todos-os-dias, sem originalidade de narrativa, novela que podia ser um mero episódio, mas que se estende em quasi toda a primeira metade do filme, e fica deslocada, portanto, numa produção desta envergadura. E' aqui, como heroína dessa novela, que vemos pela primeira vez a tão discutida actriz Jean Harlow, a *platinum blonde* que as fotografias e as revistas cinematográficas tantas vezes nos tem apresentado, a despertar, desde ha muito, a nossa curiosidade cinéfila. E confesso que a minha não ficou desiludida.

C
I
N
E
M
A
14 Jean Harlow, (que, entre parentesis, substituiu Greta Nissen, quando já havia um ano de produção e uma despesa de um milhão de dólares) tem daquilo a que Elinor Glyn chamou *it*, tem qualidades que muito se assemelham às de Clara Bow nos tempos aureos da sua carreira. A sua personagem, pouco simpática, aliás, prejudicada pela sua má colocação no argumento e respectiva descrição cénica — a gente nunca chega a perceber por que está ali e quem é aquela rapariga — valoriza-se apenas pelo desempenho que lhe dá Jean Harlow, que soube mostrar-se inconstante, sedutora, extraordinariamente

sedutora, com *sex appeal* muito natural, que vem a ser, no fim de contas, sinónimo de talento. Aquilo não é Anjo do Inferno, é um Diabinho do Céu...

A segunda parte encerra o maior valor do filme. A narrativa entra em efervescência, a continuidade cénica aparece mais fluente, a acção toma calor, e o objectivo da idealização de Howard Hughes mostra-se em toda a sua grandiosidade, com a subida de todos aqueles «anjos infernais», das dezenas de Fokkers, de Gothas, de Avros e de De Havillands, em combates em perseguições, em choques, em manobras esplendorosas, que entusiasмам, ou, pelo menos, que submetem a atenção do espectador.

E a fechar com chave de ouro, a cena formidavelmente grande, da morte de Monte Rutledge (Ben Lyon). Impressiona, comove, e nós até esquecemos de que houve preocupação em salientar o patetismo desse episódio.

«Anjos do Inferno», cuja deficiente fotografia dos interiores contrasta com a beleza das tomadas de vistas aéreas, antes de «A Patrulha da Alvorada» seria o melhor filme sobre a aviação. Assim, num aspecto geral e balanceando os defeitos e as qualidades, é o segundo filme do género.

E, por isso mesmo, digno de vêr-se.

Autores: Marshall Neilan e Joseph Moncure March. Cenaristas: Howard Estabrook e Harry Behn. Realizador: Howard Hughes. Intérpretes: Monte Rutledge, Ben Lyon; Roy Rutledge, James Hall; Helene, Jean Harlow; Karl, John Darrow; Barão Von Kranz, Lucien Prival; Baineza Von Kranz, Jane Winton; Tenente Von Bruen, Frank Clarke; Capitão Redfield, Douglas Gilmore; Lady Randolph, Evelyn Hall; Comandante do Zeppelin, Carl Von Haartman; Primeiro oficial do Zeppelin, F. Schumann-Heink.

Produzida em 1927/29 pela CADDOPICTURES. Programa Castelo Lopes, Ltda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 27 Junho 1932.

FANTOMAS (Fantomas): — O romance policial de Souvestre e Allain fez sucesso há muitos anos, no cinema. Juve e Fantomas andavam na bôca de todos

os cinéfilos (se bem que, então ainda se desconhecisse este neologismo...) e a gente sonhava com as aventuras misteriosas do René Navarre-Fantomas, como com as de Texas Jack ou Lord Raffles...

Era justo que aos produtores de agora não escapasse o êxito do romance e o do filme silencioso, e o levassem, por isso, ao cinema falado. Paul Fejos saíu-se bem da sua tarefa, que não deve ter sido fácil. Soube conservar o *suspense* em tôdas as primeiras cenas passadas no castelo, tornando-as cheias de interesse aos olhos do público, soube manter a interrogação no decorrer da narrativa, e doseou convenientemente a revelação do mistério, nos quadros finais.

Apenas não pôde evitar certos convencionalismos exagerados (a facilidade com que se metem portas dentro, tôdas inteirinhas, faz sorrir o espectador...) como convencional é já, de resto, toda a história.

Dos intérpretes salientam-se Thomy Bourdelle, que foi um detective Juve muito correcto, com sobriedade e precisão de gestos, Gaston Modot, que no criado Firmin tem uma criação notável e Jean Galland, no Fantomas, apreciável nas cenas finais.

«Fantomas» é um filme que agradará á maioria do público e deve constituir, por isso, um êxito comercial.

Autores: Pierre Souvestre e Marcel Allain. Realizador: Paul Fejos. Intérpretes: Fantomas, Jean Galland; Lady Beltham, Tania Fedor; Juve, Thomy Bourdelle; Firmin, Gaston Modot; Charles Rambert, Georges Rigaud; Lord Beltham, Jean Worms; Sonia Danidoff, Anielka Elter; Marquesa de Langrune, Marie Laure; O Presidente, Roger Karl; O abade, Maurice Schutz.

Produzida em 1932 por BRAUNBERGER-RICHEBÉ. Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «São João» em 27 de Junho 1932.

DE CORPO E ALMA (Body and Soul): — Curiosa a efabulação da história em que assenta esta película, numa descrição inusitada e equivalente cenarização.

O segredo que envolve a protagonista — que Elissa Landi interpreta com todas as nuances necessárias, como actriz de muito valor — a suposta Pom-Pom, está bem idealizado, e a sua revelação, no final, dá ao enredo uma certa originalidade, que impresso ia bem e mais apreciável torna todo o filme, obra de certo

Efemérides da semana

De 2 a 8 de Julho

Julho 4 (1921) — Estrela-se no «Central», de Lisboa, a fita em 18 episódios, «Os Cavaleiros da Lua», com Art Accord.

5 (1921) — George Melford dá a primeira volta de manivela da fita «O Sheik», com Rodolfo Valentino, para a «Paramount».

7 (1920) — Estrela-se nos cinemas «Trindade» e «Batalha» a fita «Um dia bem passado», com Charlie Chaplin.

8 (1885) — Nasce em Stuttgart, Alemanha, o realizador Paul Leni.

valor entre os fonofilmes que nos tem sido apresentados ultimamente, e que merecia um pouco mais de réclamo.

A realização de Allred Santell confirma o talento demonstrado não ha muito em «O Papá das Pernas Altas». Observador curioso, sabe fazer das suas imagens reflexos perfeitos do estado anímico das suas personagens. Algumas cenas entre Elissa Landi e Charles Farrell demonstram-no bem. Pena é que, a-pesar disso, não soubesse suprimir, em algumas delas, o excessivo diálogo.

Elissa Landi é uma revelação. Mostra-se actriz completa. As suas atitudes



moderadas, sem exagêros de representação teatral, a sua voz, que se modula facilmente consoante as exigências das situações, revelam grandes possibilidades, a que se junta uma grande beleza física. E' preciso reter o nome de Elissa Landi.

Charles Farrell interpreta desta vez um papel de maior responsabilidade do que os habituais. Saíu-se bem, e foi um digno parceiro de Elissa Landi.

«De Corpo e Alma», que tem algumas boas cenas de guerra aérea — que não pretendem, no entanto, assemelhar-se ás de «A Patrulha da Alvorada» ou de «Anjos do Inferno» — apresenta-se modestamente. Tinha direito, no entanto, a fazer valer melhor os seus merecimentos.

Autores: Elliott White Springs e A. E. Thomas — «Squadrons». Cenaristas: Jules Furthman. Realizador: Alfred Santell. Intérpretes: *Mal Andrews*, Charles Farrell; *Carla*, Elissa Landi; *Jim Watson*, Humphrey Bogart; *Tap Johnson*, Donald Dillaway; *Alice Lester*, Myrna Loy; *Major Burke*, Crauford Kent; *General Trafford-*

Jones, Ian MacLaren; *Tenente Meggs*, Dennis D'Auburn; *Zane*, Douglas Dray.

Produzida em 1931 pela «FOX». Programa Comp. Cinematográfica Secção «Fox». Estreada no «Trindade» em 28 Junho 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

**Incontestavelmente o
melhor receptor é o**

M E N D E

Sonora—Radio
Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

B A T A L H A
(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Grande sucesso do super-filme falado e cantado em espanhol

A LOUCURA DUM BEIJO

com o famoso tenor JOSÉ MOJICA,
ANTONIO MORENO e MONAMARIS

Terça-feira — Um dos grandes exitos do cinema sonoro

O ICEBERG VINGADOR

com LOUIS WOLHEIM, LEONOR ULRICH e ROBERT FRAZER

Sexta-feira — A grandiosa super-produção francesa

UMA NOITE DE RUSGA

com ALBERT PRÉJEAN, ANNABELLA e LUCIEN BAROUX

PREÇOS POPULARES
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 24

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»,

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinées de Quinta-feira e Sábado, 7 e 9 de Julho

OLYMPIA — Matinées de Quinta-feira e Sábado, 7 e 9 de Julho

BATALHA — Matinée de Quinta e Soirée de Sabado, 7 e 9 de Julho

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 7 de Julho

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.



OS EMPREZARIOS

não receiam o calor quando exibem
durante o verão filmes de

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos.

DEPOIS DE

LUZES DA CIDADE...

...ANJOS DO INFERNO

BREVEMENTE

A Valsa dos Corações

